

TESTEMUNHOS DE ALGUNS EDUCADORES DO SERVIÇO EDUCATIVO ARTES DA FUNDAÇÃO DE SERRALVES

RAQUEL SAMBADE

Sou educadora do serviço educativo de Serralves desde 2010, tendo a minha colaboração com este departamento começado em 2008. Em 10 anos de trabalho, mais de 97% dos meus rendimentos são provenientes da Fundação de Serralves a quem dei 7 dias de disponibilidade semanal durante quase a totalidade deste período. Nunca tive direito a férias pagas, subsídios ou prémios. Não fiz uso da licença de maternidade e regresssei progressivamente ao trabalho 2 meses depois do meu filho nascer. Sempre trabalhei aos fins de semana e grande parte dos períodos de férias escolares. Sempre concebi um sem fim de atividades para o SE estruturar o seu programa e nunca fui paga por isso. Já representei o SE no estrangeiro algumas vezes, sendo que numa em particular o fiz em substituição da sua coordenação. Fui designada educadora sénior sendo-me atribuídas pontualmente funções de orientação e avaliação de educadores juniores. Há um ano atrás fui convidada para conceber e orientar um projeto se Serralves em parceria com a Câmara Municipal do Porto, cuja duração seria de 2 anos. Nesse sentido, vi-me obrigada a recusar cerca de 30% do horário que me foi proposto pela escola onde atualmente leciono. O referido projeto nunca aconteceu. Não me foi paga a concepção do mesmo e nunca me foi dado nenhum esclarecimento oficial acerca do assunto.

Eu não sou independente. Eu sou parte da equipa do serviço educativo artes da Fundação de Serralves.

PATRÍCIA DO VALE

Sou educadora do Museu de Serralves desde 2016, dedicando 7 turnos semanais em exclusividade a esta instituição. Apesar de trabalhar em Serralves a tempo parcial, é-me pedida frequentemente disponibilidade fora do meu horário, nomeadamente para todas as reuniões, formações, laboratórios, e algumas atividades com o público, a que procuro sempre dar resposta. Em 2019 os meus rendimentos dependeram em 85% da FS. Recusei outras propostas de trabalho para aceitar novas atividades em Serralves, nomeadamente o desafio de conceber e orientar atividades na Escola Portuguesa de Macau em tempo integral em 2 períodos em 2019 e 2020. O segundo momento deste projeto foi cancelado em contexto de pandemia. Em 2020 aceitei novo desafio de conceber e orientar oficinas em contextos prisionais, acrescentando 2 turnos mensais para além da minha disponibilidade para Serralves. Concebo, preparo e oriento visitas e oficinas com público escolar, NEEs, famílias, professores, séniores, reclusos, férias escolares, projeto anual com escolas, grandes eventos (SEF, FO, Bioblitz) e Projeto com a Escola Portuguesa de Macau. Sou colaboradora externa permanente do Serviço Educativo Artes de Serralves. Acredito no Museu

como espaço de liberdade educativa, mas é preciso que ele se cumpra no respeito pela dignidade dos trabalhadores que para ele contribuem diariamente, com o seu pensamento e com a sua prática, e no respeito pelos públicos que acolhe.

INÊS SOARES

Sou educadora do SE desde 2018 mas a minha história com Serralves começa em 2015, quando entrei como assistente de sala. Entrei desde logo em contacto com a precariedade, que não, não afecta apenas os educadores. Em 2016 fui requisitada pelo Serviço Educativo para prestar apoio à produção dos projectos educativos. Já nessa altura assistia de perto à dedicação dos educadores no grande projecto que é Serralves.

Sempre me foi cultivado que ser educadora era uma função vital no Serviço Educativo, e não existem motivos para pensar o contrário: Concebo (embora que gratuitamente) actividades que compõem todo o Programa Educativo, realizo documentos de preparação de novas exposições para a equipa, acompanho colegas mais novos (júniores), represento a Fundação em apresentações, visitas e demais actividades com os mais diversos públicos e à imprensa, frequento formações, laboratórios. Isto tudo é feito com muito orgulho na instituição que representamos.

Contudo, o orgulho ou o amor à arte não pagam contas nem garantem dignidade. Dou disponibilidade total para a Fundação de Serralves.

Recentemente, foi-me "pedido" dar prioridade por 2 anos à FS por um projecto cujo financiamento encontra-se agora suspenso, sem ter recebido por isso qualquer compensação. 97,64% dos meus rendimentos de 2019 são provenientes de Serralves. Digam-me, Srs. Deputados, se isto é ser independente.

RITA MARTINS

Trabalho com a equipa do Serviço Educativo da Fundação de Serralves desde novembro de 1992, sempre a recibos verdes. Inicialmente a tempo inteiro e depois a tempo parcial (desde 1998-99), com 3 dias e meio de disponibilidade, ou mais, dependendo dos anos. Essa disponibilidade de tempo não é paga! Apenas nos primeiros anos (até 1998-99), existia uma mensalidade simbólica para preparação das visitas às exposições e reuniões, depois disso, contando neste momento com 51 anos de idade, continuo como tarefeira, paga apenas pelo tempo de contacto direto com o público e reuniões, havendo muito trabalho e disponibilidade não remunerado. Até os catálogos das exposições, que sempre nos foi dito que eram uma forma de compensação e pagamento, nos foram retirados – o próprio material de trabalho e pesquisa interna?! A minha formação, em várias áreas do conhecimento, do saber ao fazer e ao ser, é uma mais valia para a instituição, que recorre dela quando bem precisa (visitas orientadas, oficinas, preparação e elaboração de documentos,

formação dos colegas...). No entanto, o contributo de Serralves para a minha formação é praticamente nulo, mas a exigência no domínio desses saberes é cada vez maior, sem a seu reconhecimento respetivo, especialmente financeiro! A experiência acumulada também não interessa a esta instituição - nunca fui contactada para uma única atividade desde que a pandemia do COVID-19 obrigou ao encerramento do museu e das suas atividades, mesmo depois da sua reabertura a partir de 18 de maio. Ao fim de quase 28 anos ao serviço da Fundação de Serralves, com pelo menos 50% do meu tempo semanal afeto ao Serviço Educativo desta instituição, não recebi uma única comunicação pessoal, explicação ou preocupação por parte dos seus representantes hierárquicos, o que é bastante revelador do desprezo para com os seus colaboradores – somos nós que damos a cara, a emoção e o conhecimento, perante o público que nos visita diariamente!

ANDREIA COUTINHO

Pertenço à equipa de educadores do Serviço Educativo Artes desde 2013. Entre 2016 e 2019, mais de metade dos meus rendimentos provieram deste meu trabalho a recibos verdes.

Durante estes 7 anos, entreguei-me a um trabalho que exigiu sempre competências intelectuais e teóricas profundas, aliadas a uma forte adaptabilidade. Como todos os meus colegas, conforme o horário que me era apresentado às sextas-feiras, tanto podia fazer visitas-oficina a crianças de 4 anos, como falar com um colecionador / historiador / connoisseur de arte ou até realizar uma visita institucional à imprensa internacional, onde era eu a cara de Serralves.

Por acreditar no projeto que é Serralves, visitei mais de 30 escolas do norte do país, apresentando e promovendo o programa do Serviço Educativo.

Concebi, a custo zero, a programação para oficinas de Famílias, para público com Necessidades Especiais, para o Programa Anual com Escolas, programas de Férias, Serralves em Festa, entre muitas outras – tudo publicitado com as minhas palavras na página web de Serralves – isto é, mais de 100 horas de trabalho gratuito que Serralves usou, sem qualquer retribuição ou agradecimento sequer!

Colaborei na elaboração da candidatura do projeto “Janelas para o Mundo”, agora em prática em dois estabelecimentos prisionais do grande Porto, com a promessa de que faria parte da equipa de implementação e dinamização do projeto, e isso seria parte do meu pagamento – o que não veio a acontecer! Exigiram-me retirar disponibilidade de outro trabalho para me dedicar a conceber e dinamizar o apaixonante projeto “Cidade”, com crianças e jovens de vários bairros sociais – este projeto viu o seu termo, sem me informarem, darem explicações ou compensações, incluindo por ter perdido o outro trabalho.

Os exemplos que relato são da minha experiência, mas sei que todos os meus colegas teriam histórias semelhantes a contar. Antes das visitas ou atividades vi muitos deles cansados pelo excesso de trabalho, com problemas ou até doentes (porque sim, não temos direito a ficar doentes sem perder o nosso

rendimento), mas mal chegava o público ganhavam uma nova energia e davam tudo de si, mantendo o trabalho de equipa e o profissionalismo de quem conhece e ama profundamente a sua profissão.

Porque aguentámos esta situação, que para muita gente parece incomportável? Porque acreditávamos que Serralves nos via como parte de uma Equipa. Amávamos e amamos o nosso trabalho, assim como amamos o museu e o seu projeto. No entanto, após a quarentena, percebemos que para este projeto continuar terá de ser respeitada a dignidade de todos que nele participam e por isso estamos hoje aqui.

INÊS AZEVEDO

Faço parte da equipa desde 1999. Tempo suficiente para ver diversos direitos serem retirados ao longo dos anos sob o silêncio das diferentes administrações. Ao longo destes 21 anos a recibos verdes, criei e orientei diversas oficinas, orientei centenas de visitas à arquitetura, exposições e parque; preparei materiais pedagógicos; elaborei e dinamizei dezenas de oficinas ao longo de 5 anos no projeto "Porto de Crianças" numa parceria de Serralves com a Câmara Municipal do Porto. Em paralelo a toda esta entrega ao público e como um dos rostos da Fundação, vi desaparecer o pagamento das conceções das atividades, pensar parece que tinha deixado de ter valor; vi os monitores deixarem de ter direito a receber o catálogo da exposição que funcionava como instrumento de trabalho; frequentes cancelamentos no dia anterior sem ver a remuneração das atividades e com dificuldade de rentabilizar esse dia. Destaco ainda, que há cerca de 19 anos que não vemos atualizados os valores pagos pela orientação de visitas e certas categorias de oficinas. Pois é, todos vamos continuando, porque amamos o que fazemos e sabemos o valor inestimável do nosso papel. Queremos agora o seu devido enquadramento!

JOSÉ MAIA

Educador desde 2000. O asfixiante silêncio imposto pelos responsáveis de Serralves sublinha o que tem sido a sua actuação, um percurso indigno da história da instituição, dos seus trabalhadores, dos seus colaboradores e de todos os parceiros. Nós arte-educadores, (artistas, arquitectos, investigadores, professores e curadores) trabalhamos dedicada e empenhadamente para todos, em Serralves. Hoje, no momento mais difícil, mais angustiante, somos abandonados pelos irresponsáveis desta instituição que, até Março, colheram as "glórias" do nosso trabalho. As câmaras municipais, as instituições (hospitais, estabelecimentos prisionais, estabelecimentos de ensino, estabelecimentos artísticos nacionais ...), o público em geral e as diferentes comunidades com quem trabalhamos durante anos, deverão exigir, aos responsáveis de Serralves, respeito e dignidade para com todos os trabalhadores. Somos dignos e merecedores de todo o respeito e apoio.

SOFIA SANTOS

10 anos de colaboração ininterrupta com o Serviço Educativo da Fundação de Serralves. 10 anos de trabalho enquanto arte-educadora. 10 anos a ser apresentada pela própria Fundação de Serralves como arte-educadora da equipa do Serviço Educativo. 10 anos de contributos palpáveis para toda a programação do Serviço Educativo, a saber: em todos os Programas Regulares para escolas, em todos os programas para professores, em todos os Projetos Anuais com Escolas, em vários projetos em parcerias estabelecidas entre a fundação e outras instituições. Com quantos milhares de visitantes terei tido a possibilidade de pensar em conjunto, o que pode ser o Museu de Serralves? Nos últimos 10 anos, a Fundação recebeu uma média anual de cerca de 400.000 mil visitantes, e desses, mais de 130.000 por ano, envolveram-se diretamente com as atividades promovidas por esta equipa de educadores. A todos eles, porque juntos não somos poucos, pedimos que se juntem a nós, pela exigência de um Museu que cumpra a sua missão primeira – constituir-se como lugar de liberdade e de pensamento! Continuo a acreditar que o importante é o que podemos fazer juntos! Continuo a desejar contribuir para a construção de um Museu onde a arte convida a pensar, a questionar e a construir uma sociedade mais justa!

MELISSA RODRIGUES

Trabalho no Serviço Educativo da FS desde 2015, desde então que mais de 80% dos meus rendimentos são provenientes de Serralves, sendo exacta e falando de números e factos tal como eles são, em verdade, na maior parte destes 5 anos cerca de 90% dos meus rendimentos foram provenientes do trabalho que realizo numa base constante e contínua com o Serviço Educativo de Serralves, sempre a recibos verdes. A minha disponibilidade para com o SE de Serralves sempre foi total, 7 dias por semana, sendo que sempre que precisei de trabalhar com outras entidades ou instituições sempre avisei com antecedência e/ou pedi autorização a Serralves antes de o fazer. Como parte da Equipa do Serviço Educativo de Serralves concebo e oriento oficinas, visitas e outras atividades específicas para todos os tipos de público, dou a cara por Serralves, dentro e fora de portas. Sou arte-educadora acredito na arte e na educação como formas de intervenção e transformação, mas também acredito que para que tal aconteça é preciso que haja respeito por quem faz arte, para quem comunica a arte, precisamos de respostas concretas.

CONSTANÇA AMADOR

Faço parte da equipa do serviço educativo desde 2017 e conto com mais de dez anos de experiência na arte-educação, em diferentes instituições culturais. Em 2017 foi também o ano em que fui Mãe, pela segunda vez e passados dois meses, tive de pagar mais do que recebia a uma ama, para poder retomar gradualmente à equipa. Desde então foi-me exigida uma disponibilidade mínima de 3 dias. Nestes três anos, fiz visitas, oficinas, visitas-oficinas, concebi oficinas para bebés e famílias, para os vários níveis de ensino, desde o pré-escolar ao superior e para pessoas com necessidades especiais. Fiz

parte do Programa Anual com Escolas, do Serralves em Festa, do Bioblitz, Festa do Outono e ainda do programa Sazonalidades. Fui co-autora do dossier pedagógico da exposição de Olafur Eliasson, assim como da candidatura "Janelas para o Mundo" e é incomensurável a aprendizagem que tive, com os meus colegas, ao longo destes anos. Somos nós, os arte-educadores que nos entregamos e damos a qualidade do nosso trabalho a um lugar e a um espaço, que no seu interior, não nos reconhece, mas que já revelou a Portugal, ser um atlas referencial da educação e da mediação da Arte Contemporânea.

HELENA GONÇALVES

Educadora no Serviço Educativo de Serralves desde 2019, mais de 40% dos meus rendimentos são provenientes de Serralves, a recibos verdes. Cumpro os 3 dias que me foram exigidos pela Fundação, reforço sempre a recibos verdes. Sou obrigada a colaborar com outras instituições porque nenhuma delas me oferece estabilidade económica. Foi com muito orgulho que me integrei na equipa de educadores, uma equipa extraordinária, que ao longo de várias décadas têm vindo a desenvolver um trabalho altamente qualificado, reconhecido a nível nacional e internacional. Continuo a acreditar na missão do Museu continuo a acreditar que devemos ser um exemplo para outros museus e continuo a acreditar no respeito e humanidade que este Museu nos deve. A Fundação exigiu-nos obrigações, nós cumprimos os nossos deveres e agora exigimos o respeito pelos nossos direitos!

INÊS LOPES

Sou Educadora do Serviço Educativo de Serralves desde o início de 2019. Trabalho em outras duas instituições, pela instabilidade a que Serralves me obriga, mas esta é a maior fonte do meu rendimento. Desde que comecei a trabalhar em Serralves percebi que ainda se trabalhava à jorna, em pleno século XXI, e era isso que me exigiam. Para entrar no Serviço Educativo de Serralves obrigaram-me a dar três dias de exclusividade semanal, e rapidamente percebi que não seria paga, tal como aconteceu em muitas outras actividades realizadas para o SE. Todas as sexta-feiras esperava ansiosa e temerosamente o horário que me mandavam para ver se tinha trabalho ou ia ser um mês de dificuldades. Cheguei a precisar de faltar e disseram-me que não podia, fui reprimida por não poder estar presente em actividades. Por ordem de Serralves, trabalhei de graça para actividades semanais que nunca foram realizadas. Senti sempre o peso das regras silenciosas e coação agressiva, numa Fundação que torna a maioria dos seus funcionários (o caso não é exclusivo do Serviço Educativo) em trabalhadores com obrigações de contrato, mas, no entanto, com menos direitos que um vulgar recibo verde.

JUSTA MENDES

Colaboro com Serralves desde 2019 em regime de prestação de serviços. Sempre fui informada que a minha colaboração seria pontual e para substituir

os arquitetos que teriam deixado a equipa. No início de 2020 foi contactada pela Coordenação para fazer visitas guiadas às exposições, convite que aceitei. Tive a sensação que estava um pouco à parte da equipa e que a minha colaboração seria esporádica. Todavia, foi gratificante conviver com a equipa e trocar experiências e impressões com os colegas do serviço educativo. Resolvi assinar porque considero que a Instituição de Serralves, sendo uma entidade público-privada não pode agir sem dar esclarecimentos ao público da forma como gere o dinheiro. Ninguém está acima da Lei! Por isso, como contribuinte e cidadã portuguesa, quero saber como o dinheiro da Fundação é gerido e aplicado, para apurar a falta de verbas e apoio para o Serviço Educativo e respetivos colaboradores de longa data. Acho desumano o modo como alguns colegas do Serviço Educativo foram e continuam a ser tratados pela Fundação de Serralves, tendo conhecimento que alguns são pais e precisam justamente nesta data de dinheiro e trabalho.

MIGUEL TEODORO

Sou educador do Serviço Educativo da Fundação de Serralves desde o início de 2020. Foi-me exigido um período de disponibilidade semanal de 3 dias completos, ou 6 períodos (excluindo fins de semana). Por acreditar na importância do papel cultural e social do Serviço Educativo no museu e na sociedade, dei disponibilidade total à Fundação de Serralves, por vezes privando a minha participação e colaboração com outros projetos e instituições. Desde o início da pandemia, que levou a cancelamento total das atividades do Serviço Educativo, não recebi qualquer comunicação direta da Coordenação ou da Direcção da Fundação, colocando a minha vida em suspenso. Esta ausência de comunicação e de esclarecimento aos educadores é inaceitável e expõe problemas que já não são novos e que revelam a precariedade e falta de reconhecimento a que os educadores e colaboradores da Fundação de Serralves estão expostos. Embora o meu histórico de colaboração com a equipa do Serviço Educativo seja recente, encontrei colegas educadores que fazem um trabalho notável de mediação, imprescindível para a instituição e para os visitantes.

NELSON DUARTE

Educador do Serviço Educativo desde início de 2020. Cerca de 70% do meu rendimento nos poucos meses que trabalhei na FS vinha deste mesmo. Não fui avisado nem contactado pela parte da FS quando esta pandemia se instalou. Não quiseram saber dos seus “colaboradores” mais recentes nem dos mais antigos, situação essa que vinda de uma fundação como Serralves é inadmissível. Foi-me pedido que a minha disponibilidade para com o SE fosse no mínimo de 3 dias que assim cumpri, recusando muitas das vezes trabalhos externos.

RUI MOTA

Educador de Serviço Educativo da Fundação de Serralves desde o início de 2020. Foi-me exigido uma disponibilidade mínima de trabalho de 3 dias

semanais completos, ou 6 períodos (manhãs ou tardes), com possibilidade de ser pontualmente chamado aos fins de semana para trabalho. A baixa de actividade provocada pela pandemia resultou em 3 meses que não fiz uso dos dias que reservei ao Serviço Educativo, sendo estes acompanhados por um frustrante silêncio da parte da coordenação que insiste em deixar a vida dos educadores em suspenso. Mais de metade da minha semana é cativa deste silêncio. Durante os meses que trabalhei na FS, 90% dos meus rendimentos vinham deste mesmo. Um dos únicos motivos que mantém o meu interesse em trabalhar no Serviço Educativo FS é a fantástica equipa de educadores que faz este serviço, mantidos na mesma inaceitável condição e vítimas de uma precariedade ainda mais acentuada.

JOANA PATRÃO

Sou educadora do Serviço Educativo da Fundação de Serralves desde o início de 2020. Foi-me exigido um mínimo de 3 dias de disponibilidade. Questionei em entrevista se poderia, pontualmente, não dar esses dias, no caso de ter de conjugar com outros projectos que desenvolvo enquanto artista. Foi-me dito que não, que só em casos excepcionais (doença ou uma consulta médica) poderia alterar a disponibilidade e que a partir do momento que deixasse de dar os 3 dias seria dispensada. Assim, um suposto trabalho "independente" em que a única vantagem, a meu ver, é a flexibilidade, tornou-se um trabalho com dias marcados (mesmo que não remunerados) e com a ameaça de dispensa. A justificação da Coordenação foi: precisamos deste compromisso porque estamos a construir a equipa, que tem tido muitas flutuações. Foi, assim, em nome de uma ideia de equipa, por acreditar na importância Serviço Educativo e por reconhecer qualidade no mesmo, construído durante anos por colegas altamente qualificados e competentes e com os quais teria o privilégio de trabalhar, que aceitei esta situação, que em poucos meses me fez condicionar outras oportunidades de trabalho. Essa mesma ideia de equipa, usada pela Fundação de Serralves como mote para a perpetuação de uma situação precária, esfumou-se tão rapidamente quando se instalou a situação de pandemia que nos deixou chocados. Juntamente com a equipa que dizem agora não existir, espero respostas para a situação de todos, que ficou em suspenso.

23 DE SETEMBRO DE 2020